

Milhão

Caracterização

Distante uns dezanove quilómetros para nascente da urbe brigantina, Milhão liga-se àquela através da E.N. 218. O território paroquial de mediana extensão (2.821 hectares, mais concretamente) é cortado por um pequeno afluente) Ribeiro das Forçadas) da Ribeira do Porto, este por sua vez a reunir-se logo adiante ao Sabor. Com uma orografia planáltica, esta área regista uma altitude média rondando os seiscentos metros.

Eminentemente rural, a paróquia de Milhão registará actualmente umas 243 almas (cerca de metade em relação aos 496 residentes noticiados pelos meados deste século). A origem etimológica de "Milhão" radicar-se-á, mais que provavelmente, no ancestral cultivo do chamado milho miúdo (ou painço), espécime autóctone que até à Idade Moderna terá desempenhado importante papel no fabrico do pão, à mistura com o centeio. Em época baixo-medieval, o topónimo surge grafado "Milhom" ou "Milham". De um remoto povoamento local em época proto-histórica, surgirão indícios seguros em Castragosa, curiosa designação popular de um Outeiro castrejo localizado junto à partilha com Babe, na extrema nordestina desta área paroquial.

O profícuo investigador da arqueologia bragançana, Abade de Baçal, descreve aquele imponente alto castrejo, dotado de natural inacessibilidade (ainda assim reforçada por um fosso aberto artificialmente no flanco ocidental) como tendo fornecido um importante conjunto de numismas romanos, comprovando a presença e marca civilizacional daquele povo.

Um outro hipotético povoado fortificado castrejo existirá, ao que parece, no local designado por Castro de Vilar. Entre os diversos valores patrimoniais de índole arquitectónica e feição religiosa, são de assinalar a Igreja Paroquial de S. Lourenço de Milhão e as capelas de S. Sebastião (junto a E.N. 218) e a da Quinta de Vilar. A Matriz é um edifício de proporções e traça algo humildes, surgindo na actualidade totalmente rebocada e caiada de branco; na frontaria abre-se unicamente um pórtico liso em arco redondo, rematando a empresa no invariável campanário de dupla ventana.

Denotando alguma ansiedade, a Capela da Quinta do Vilar aparece, por sua vez, dotada de uma singela galité protegendo o pórtico, também ele rasgado em arco de volta perfeita; no topo da sobrelevada empena, pontifica uma única sineira. A traduzir um arranjo recente, está o templo invocado a S. Sebastião, com seu desmesurado comprimento e invulgar assentamento em terreno declivoso (facto que produz uma muito maior altura no alçado oposto ao que margina a estrada).

Em termos de construções com inegável interesse etnográfico, deve falar-se de algumas fontes de mergulho – uma delas curiosamente encapelada, em pequena estrutura de aparelho xistoso deveras interessante – e os omnipresentes moinhos de água. A merecer o devido registo estão também alguns trechos de paisagem natural, com seus opulentos fraguados dominando o horizonte, tal como nas chamadas Fragas Donas ou na Pena de Gordo.

Tradições

Na freguesia de Milhão há um costume que ainda perdura de se preferirem os casamentos dentro da comunidade da aldeia. Isso servia para fortalecer os laços sociais de familiares nas comunidades. Casar com um rapaz de fora da terra, é de estranhar. “Quem fora da terra vai casar, ou vai enganado, ou quer enganar...”. Caso o pretendente seja de fora e insiste, sujeita-se ao julgamento sumário da mordomia da mocidade da terra. Ou aceita como bons e seus os costumes da terra, ou nunca mais lá poderá voltar. Começa por ter de pagar o “Paga vinho” que é como quem diz matar e bem a sede a toda a rapaziada, sob pena de mergulho forçado na fossa mais próxima. Pagar e casar em curto espaço de dois meses que as moças da terra não merecem ser “gozadas”. Os noivos da terra também pagam mas não para serem admitidos na comunidade. Fazem-no em convívio, quando no dia a seguir ao casamento, a mocidade aparece com guitarras e castanholas, desafiando o esposo a juntar-se a eles e a pagar uma rodada.

No que diz respeito a danças e cantares destaca-se o Hino de Milhão e os serões na aldeia. Tais cantares são normalmente evocados quando a freguesia se apresenta perante determinados eventos culturais, nos quais os habitantes de Milhão participam com muito orgulho.

Antigamente, quando a actividade agrícola não era tão intensa, os habitantes juntavam-se para praticarem alguns jogos tradicionais, como o jogo do fito, da relha e o jogo da cantara.

Actualmente, estes jogos são praticados essencialmente nos dias de festa.

Imagens



Escola do 1º ciclo



Capela